

A Cor da Pobreza: A Segregação Invisível do Portugal Moderno

Publicado em 2025-07-15 10:51:44



Por Francisco Gonçalves

Fala-se muito em igualdade.

Fazem-se campanhas coloridas, cartazes com rostos diversos, discursos sobre tolerância e inclusão.

Mas há uma cor que não entra nesses slogans: a cor da pobreza.

Sim, a **pobreza tem cor**, e não é preta, branca ou cigana.

É a cor da humilhação.

É a cor do invisível.

É a cor do cimento molhado que cola aos pés dos que nascem sem património, sem influência, sem meios.

Vivemos num país que diz integrar, mas que **segrega com a frieza do IBAN**.

Portugal abre as portas aos imigrantes, pede braços para os campos, para os estaleiros, para os turnos mal pagos — mas depois vira-lhes as costas. Deixa-os viver em barracões sem água, em quartos alugados por 500 euros, em bairros onde o Estado só aparece para demolir, nunca para cuidar.

E não pensem que esta violência atinge só quem chega de fora.

Atinge também os filhos dos pobres cá dentro.

Atinge a dona Rosa da Amadora, o António da Covilhã, o João do Seixal.

Todos os que ganham o salário mínimo para pagar o máximo que o mercado pede.

A pobreza é a maior e mais cruel das segregações.

E é mantida de forma consciente por governos que **governam para os proprietários, para os fundos de investimento, para os bancos**, e não para o povo que os elege.

Estes mesmos governos que fingem espanto quando há barracas em Loures, mas que **cortaram o investimento em habitação pública, congelaram salários, permitiram a especulação sem controlo**, e a gentrificação que empurra os pobres para fora das cidades — e para fora da dignidade.

A pobreza é segregada em tudo:

– Na escola onde falta tudo,

- No hospital onde esperas horas,
- No bairro onde a polícia patrulha mais do que protege,
- No emprego onde se aceita tudo por medo de perder tudo.

O Estado não é neutro nisto.

O Estado é **cúmplice ativo** desta nova forma de apartheid social.

E os autarcas e governantes que aprovam despejos sem alternativas, que não constroem habitação, que legislam para o capital, são **os executores modernos de uma exclusão legalizada**.

Não basta apontar o dedo à pobreza.

É preciso apontar o dedo a quem a fabrica.

E exigir mais do que caridade e promessas:

exigir justiça, redistribuição, e uma nova ética pública.

Até lá, continuaremos a escrever, a denunciar, a incomodar.

Porque, como dizia Bertolt Brecht:

"Há homens que lutam um dia e são bons.

Há outros que lutam um ano e são melhores.

Mas há os que lutam toda a vida: esses são os imprescindíveis."

E neste Portugal injusto, **o pobre que resiste é herói**.

E o sistema que o empurra para o chão, é um crime institucionalizado.
